

Dilemas em torno da prática do *street skate* em São Paulo¹

Giancarlo Marques Carraro Machado*

Mestre em Antropologia Social – Universidade de São Paulo

Resumo: Entre as várias modalidades que fazem parte do skate, uma delas sempre foi alvo de polêmicas: trata-se do *street skate*, ou seja, a prática do skate nas ruas. Este artigo parte da análise dos múltiplos sentidos atribuídos à prática dessa modalidade em São Paulo. Por meio da etnografia realizada pretende-se evidenciar não só aspectos em torno do exercício de uma prática esportiva, mas, sobretudo, as implicações em virtude dos usos e apropriações dos espaços urbanos por parte de certos cidadãos. Ademais, objetiva-se demonstrar as mediações políticas que possibilitaram a construção de uma pista de skate em uma região considerada nobre, bem como as formas de sociabilidade constituídas em espaços que, a princípio, foram construídos não levando em conta a prática do skate.

Palavras-chave: skate; espaços urbanos; redes de relações; sociabilidade urbana; cidadania

Abstract: This article part of the analysis of the multiple meanings attributed to the practice of street skateboarding in São Paulo. Through ethnography aims to highlight not only issues surrounding the practice of a sport, but mainly the implications of the uses and appropriations of urban space and how the city can be read symbolically and ordered through a *olhar skatista*. Moreover, the objective is to demonstrate the political mediations that enabled the construction of a skate park in an area regarded as noble, as well as forms of sociability that formed in spaces that were built without taking into account the practice of skateboarding.

Key words: skateboarding urban spaces networks, urban sociability, cities.

Introdução

Devido à sua crescente espetacularização em tempos recentes, o skate é muitas vezes tratado como um tipo de atividade atrativa onde se vivencia diversos tipos de sensações com o corpo e com a mente (como a “liberdade” e a “adrenalina”)², associadas ao risco e ao perigo decorrentes de sua realização³. A mídia contribuiu e continua contribuindo para popularizar e dar visibilidade a essa prática a partir da divulgação e da promoção de vários eventos, em

* Giancarlo Marques Carraro Machado. Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC/USP). E-mail: gian_machado@yahoo.com.br

especial, campeonatos. Dentre muitos exemplos, é válido destacar os X Games ⁴, tradicional competição promovida pelo canal ESPN, desde 1995, com foco nos esportes classificados como “radicais”, e também o Maloof Money Cup ⁵, competição que distribuiu, em 2011, a quantia de US\$2 milhões aos melhores skatistas colocados. Em função do espetáculo proporcionado por essas e outras competições, os eventos contam com o apoio de inúmeros patrocinadores dos mais diversos segmentos – marcas de bebidas, roupas, calçados, automóveis, alimentos, etc. – que investem consideráveis quantias em um tipo de ação voltada a um público considerado jovem, obtendo, assim, não só lucros exorbitantes, como também a promoção de seus produtos. O skate, portanto, passou a ser visto com bons olhos por muitas empresas, que estrategicamente associam suas marcas a essa prática tendo em vista seus distintos interesses.

Apesar da dimensão espetacularizada de sua prática, o skate – também chamado de “carrinho” por seus praticantes - também vive seus momentos de disputas, de diálogos e de repressões, principalmente quando associado à utilização de alguns equipamentos urbanos. Entre as várias modalidades ⁶ que fazem parte desta prática esportiva, uma delas sempre foi alvo de problemas envolvendo uma série de atores: trata-se do *street skate*, ou seja, a prática do skate nas ruas.

Os *streeteiros* ⁷, como se denominam os skatistas adeptos da modalidade *street skate*, transitam pela cidade com um olhar apurado para certos equipamentos urbanos, que são vistos como obstáculos a serem superados. Desta forma, um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Uma escultura não é só para ser olhada e apreciada, mas ao contrário, pode servir como uma inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, às bordas, às placas de trânsito, etc. Com efeito, ao circular pelos espaços urbanos e ao ressignificar as finalidades

atribuídas aos seus respectivos equipamentos, a cidade ganha novos contornos a partir das experiências dos *streeteiros*.

O espaço público não é um espaço de produção de universais, mas ao contrário, “um espaço de hibridação e de excentramento do qual desconfiamos naturalmente” (Joseph, 2005: 119). E por ser menos um espaço consensual, as variadas lógicas atribuídas à utilização de equipamentos urbanos que, a princípio, não foram planejados visando à prática do skate, em muitos momentos podem resultar em conflitos entre skatistas e demais cidadãos. De certa forma, o skatista pode se chocar com outros pedestres na calçada, se machucar, bem como danificar equipamentos, muitos deles privados, ao considerá-los como obstáculos. Essas atitudes têm sido motivo de polêmicas em São Paulo, levando muitos agentes ligados ao poder público a tentar medidas rigorosas, como a proibição do skate nas calçadas da cidade⁸. Outros agentes, todavia, entendem que isso não deve ser feito, embora a prática necessite ser regulamentada e disciplinada.

Se para os skatistas a prática do skate em equipamentos urbanos pode se constituir tanto como uma “diversão” quanto um “trabalho”⁹, para muitos outros cidadãos, ela não passa de um ato de “vandalismo”. Para delimitá-la em uma área reservada para esse fim, a prefeitura de São Paulo tem construído diversas pistas, as quais podem ser encontradas em distintas regiões da cidade. Na visão de alguns agentes, construí-las seria, possivelmente, uma boa solução diante as disputas pelos usos dos equipamentos da cidade.

Embora haja um incentivo à prática do skate em pistas, os skatistas, sobretudo os *streeteiros*, nem sempre as utilizam. O que é mais valorizado no *street skate*, conforme será demonstrado no decorrer do texto, é saber utilizar de forma criativa os diversos *picos* encontrados pela cidade¹⁰.

Este artigo pretende analisar, com base em um trabalho de campo realizado na cidade de São Paulo, certos dilemas em torno dos usos e apropriações de equipamentos urbanos a partir

da prática do *street skate*. Para tanto, foi obviamente necessário contemplar a questão do “espaço”, sempre um tema caro à pauta antropológica desde os primórdios da disciplina ¹¹. Sendo assim, considero o espaço urbano não apenas um pano de fundo onde ocorrem processos de natureza sociocultural ¹², mas também, como algo expresso por meio de um conjunto polifônico de representações e narrativas nativas, conforme frisado por Frúgoli Jr. (2005: 133), ao colocar o urbano em questão na Antropologia. Atenta-se assim para os modos como os skatistas “fazem a cidade” (Agier, 2011) através de seus discursos, práticas e relacionamentos que são construídos em torno do universo do *street skate*. Primeiramente, serão abordados relatos do trabalho de campo realizado em uma pista e, em seguida, o foco será a prática do skate nas ruas – *lócus*, para muitos, da “essência do skate” ¹³, onde se “anda de verdade”.

Uma alternativa para os skatistas?

São Paulo é uma das cidades que mais possui pistas de skate no mundo. Em várias de suas regiões é possível encontrar estes espaços para a prática, sejam eles particulares ou, principalmente, públicos. De acordo com o último levantamento feito pelo Guia de Pistas elaborado pela Revista CemporcentoSkate, até 2006 havia mais de sessenta pistas com área de *street skate* em toda a cidade, número que cresceu ainda mais nos últimos anos ¹⁴.

O surgimento de tantas pistas reflete o considerável aumento de praticantes, sobretudo após a década de 2000 ¹⁵. A partir da constatação desse crescimento expressivo, o poder público passou a dar maior atenção ao skate. Nesse sentido, a escassez de espaços apropriados para que milhares de skatistas pudessem praticar poderia trazer problemas. Ciente dos usos das ruas e de seus respectivos equipamentos, chegou-se a conclusão de que seria preciso dar-lhes uma “alternativa”:

[As pistas], apesar de não ser o *street*, é uma alternativa para o cara. E muitas vezes eu acho que o cara pratica o *street* porque ele não tem a opção de ter um espaço adequado. (...) Eu acho que é um pouco da posição do poder público de dar

oportunidade. Seria mais contraditório eu falar o seguinte: “olha, saia da rua e ande na pista!”. [O skatista vai falar:] “mas, em qual pista?”. Então não posso falar isto. Eu não posso incentivar uma coisa sem dar estrutura. Lógico, a gente vai tentando, vai fazendo aos poucos. Eu acho que ele [o skatista] está muito na rua pela falta de estrutura e espaço adequado (Tiago Lobo, coordenador de esportes radicais da Prefeitura de São Paulo. Entrevista em 07/10/2009).

A partir dos desdobramentos dessa visão, certos agentes do poder público tentam coibir, direta ou indiretamente, a prática do skate em espaços tidos como “inapropriados”, como as ruas, já que os skatistas, através da construção de pistas, teriam espaços reservados para suas atividades ¹⁶.

Desde que assumiu a Coordenadoria de Esportes Radicais da prefeitura, em 2006, Tiago Lobo passou a ser considerado por muitos o principal representante do poder público municipal capaz de incentivar a prática do skate. É a ele que os skatistas recorrem no momento de pedir apoio para a realização de eventos ou para reivindicar melhorias. Embora haja limitações e dificuldades em promover ações para o universo do skate, sobretudo para a modalidade *street skate*, Tiago considera que as “portas estão sendo abertas” para que os praticantes demonstrem seus anseios. Além disso, a coordenadoria descentralizou as mediações de modo que qualquer skatista pode ter acesso ao poder público:

Eu acho que o nosso trabalho aqui dá um pouco de resultado porque a gente incentiva que as pessoas nos procurem ou façam suas reivindicações. O trabalho aqui é muito descentralizado. A gente não faz nada aqui porque a gente acha, porque o Tiago Lobo, que é coordenador de esportes radicais de São Paulo acha. Então, é o contrário. É o seguinte: o que a galera está querendo? Vamos fazer um campeonato de skate *slalom* ¹⁷, por exemplo. Não sou eu quem define onde vai fazer, como vai fazer, se o formato é *dual tight*, se é individual, se é por tempo. Vamos chamar: “quem é do *slalom*? Quem são os representantes natos? Vamos fazer um campeonato de *street* aqui?” Não, cara, não sou eu quem vai definir se o piso é ou não é. Acho que é por isto que dá certo. E a gente abre muito as portas para todo mundo chegar aqui e reivindicar (Tiago Lobo, coordenador de esportes radicais da Prefeitura de São Paulo. Entrevista em 07/10/2009).

Através dessas mediações, entre 2008 e 2009, os skatistas da cidade de São Paulo tornaram possível a construção de uma pista pública na região do Sumaré, local considerado por muitos como o “berço” do skate paulistano ¹⁸.

Na esquina da Avenida Doutor Arnaldo com a Rua Cardoso de Almeida, na Zona Oeste da cidade, havia um amplo espaço que servira como canteiro de obras para a construção da Estação Sumaré do metrô. Após alguns anos a prefeitura resolveu transformar aquela área, de aproximadamente 2,3 mil metros quadrados, em um espaço de lazer. Sabendo dessas intenções, alguns skatistas se mobilizaram para reivindicar a construção de uma pista. E a mobilização, para a surpresa de alguns, foi bem sucedida.

Com tudo certo para o início das obras, os skatistas descobriram que o projeto da pista a ser feita não atendia às suas necessidades. Feito o alerta, formou-se uma comissão composta por skatistas moradores da região, além de profissionais da mídia especializada, empresários e membros da Confederação Brasileira de Skate (CBSk) ¹⁹, a fim de fiscalizar tudo aquilo que fosse decidido e feito a partir de então. Com a ajuda de Tiago Lobo, o projeto inicialmente apresentado foi mudado, com as alterações feitas a partir de acordos entre os próprios skatistas.

Durante várias semanas realizaram-se reuniões e trocas de e-mails entre os envolvidos na comissão, que se responsabilizaram por mediar as negociações com representantes do poder público. Tive a chance de participar de uma dessas reuniões. Além de Tiago Lobo e Arthur Soares, os quais representavam a Secretaria de Esportes, estiveram presentes pessoas detentoras de posições influentes, ligadas ao universo do skate, como Cesar Gyrão (editor da Revista Tribo Skate), Marcelo Santos (presidente da Confederação Brasileira de Skate), Flávio Ascânio (skatista e professor universitário), entre outros. A pauta girou em torno de três questões: os obstáculos, a qualidade dos materiais empregados e o prazo de entrega da obra. A preocupação em atender as diversas modalidades do skate e a acessibilidade às distintas gerações de praticantes, também foram questões que perpassaram os assuntos debatidos.

Depois de meses de muita mobilização e espera, em fevereiro de 2009 a pista foi inaugurada. A cerimônia contou com a presença de muitos skatistas, jornalistas, representantes do poder público e também de membros da família Natel, homenageada com a atribuição do nome “Parque Zilda Natel” ao lugar ²⁰. O prefeito Gilberto Kassab (DEM), que também esteve na inauguração, recebeu um skate de presente. Logo em seguida, segurando o presente, ele colocou um capacete em sua cabeça e posou para as fotos. Tal ato - um tanto simbólico - evidencia o posicionamento de agentes do poder público frente à prática do skate: um esporte “perigoso”, que deve ser praticado sobretudo em pistas, cujos praticantes necessitam de cuidados com a proteção. Contudo, como será mostrado adiante, esse “perigo” é algo passível de ser relativizado, posto que muitos *streeteiros* nem sempre encaram dessa maneira aquilo que fazem.

Tiago Lobo considerou essa mediação bem-sucedida e exemplo para que outros skatistas consigam seus objetivos perante o poder público. Além de tudo, construir uma pista no bairro Sumaré, região considerada “de rico” pelos skatistas, é uma prova de que o skate deixa parte de seu lado “marginal” ao promover, de acordo com o ponto de vista deste interlocutor, uma integração social ²¹:

Construir uma pista de skate em um bairro nobre de São Paulo é a prova da quebra de barreiras, que o skate quebrou barreiras. Quebra de paradigmas. Uma região de alto nível social com uma pista de skate. Choque cultural. Uma cidade tem que ter. E outra: não é colocar uma pista para pobre ir ao lugar de rico (...). É integração social. O skate tem isto também. A partir do momento em que está na pista, anda o milionário com o moleque da favela. É um processo longo, de mudança da visão do skatista (Tiago Lobo, coordenador de esportes radicais da Prefeitura de São Paulo. Entrevista em 07/10/2009).

Skate no parque

O Parque Zilda Natel, mais conhecido pelos skatistas como “pista do Sumaré”, é uma ampla área localizada em um bairro nobre de São Paulo. Sua proximidade com uma estação de metrô e com a região central atrai praticantes de diversos pontos da cidade e, até mesmo,

de fora dela. Essa estratégica localização também fez com que ela adquirisse visibilidade, se tornando uma das pistas mais freqüentadas dos últimos tempos.

A área destinada ao skate no parque é composta por obstáculos referentes a três distintas modalidades: *mini ramp*, *street skate* e *banks*. Situados uns ao lado dos outros, em uma mesma *sessão* ²² é possível utilizar todos os obstáculos. Além disso, o local também possui uma quadra destinada ao *streetball* (basquete de rua), aparelhos de ginástica e área de convivência, além de banheiro masculino e feminino, bebedouros, uma pequena arquibancada e muitos bancos para descanso. Para zelar por todos os equipamentos, fiscalizar as práticas esportivas e manter a “ordem”, o parque conta com o serviço de seguranças fardados, os quais observam tudo de uma guarita.

Para andarem de skate no Parque Zilda Natel, os skatistas devem cumprir uma série de recomendações que ficam bem claras desde a entrada no local, onde uma notável placa expõe oito orientações gerais:

- 1 – Skate é um esporte perigoso, com risco de acidentes;
- 2 – O uso do equipamento de proteção individual (capacete, joelheiras, cotoveleiras e tênis) é extremamente recomendado;
- 3 – Respeite seus parceiros de sessão;
- 4 – Tenha consciência de seu nível técnico;
- 5 – Muita atenção com os outros usuários do parque;
- 6 – Informações sobre cada pista do parque, ou seja, o *banks*, a área de *street* e a *mini rampa*;
- 7 – O aquecimento e o alongamento são práticas importantes para evitar ou prevenir lesões;
- 8 – Consulte o regulamento completo na administração do parque.

Mais uma vez ficam evidentes aspectos de como o skate é visto pelo poder público: uma prática esportiva que necessita de regulamentação. Com base nisto, a elaboração dessas orientações apresentadas se tornaram motivos de polêmica.

Quando o parque foi inaugurado, o uso do capacete era considerado extremamente necessário. Porém, a partir de um dado momento, ele passou a ser obrigatório. Portanto, só se pode usar a pista caso o skatista tenha este equipamento. A medida contrariou muitos praticantes, principalmente os do *street skate*, modalidade em que quase nenhum skatista usa capacete. Ao contrário, nas modalidades *mini ramp* e *banks*, o uso desse equipamento é mais freqüente. Foi decidido então que o capacete deveria ser usado por todos, independente da modalidade.

Sobre a polêmica, o skatista Jorge Costa opina que:

Você vai fazer *street* numa pista que só tem obstáculos baixos, você vai usar capacete para quê? Eu acho ridículo. Mas se você vai andar num *banks* altão, é bom você usar capacete, cotoveleira e joelheira. Tem que ser recomendado. Cada caso é um caso (Jorge Costa, entrevista em 19/03/2010).

A alternativa desejável pelos skatistas abordados foi, de um modo geral, a de que o uso do capacete continuasse sendo recomendado, mas não obrigatório. Outra medida possível apontada por eles seria a assinatura de um termo de compromisso, por meio do qual o praticante se responsabilizaria por quaisquer lesões sofridas por não usar equipamentos de proteção.

Um interlocutor, que optou por não citar o nome, acredita que a adoção dessa medida seja também uma tentativa de prática segregacionista, que fora acatada por alguns membros da comissão após encontros com representantes do poder público:

Entendo que num espaço público existe o perigo de o cara que não sabe andar se machucar e prejudicar um monte de outras coisas que estão envolvidas. Mas a realidade da história do nosso esporte é: não se usa capacete. A menos que seja num *half pipe* a 4 metros de altura, ou num *mini ramp* dos nervosos. (...) Mas obrigar o uso do capacete, eu acho uma decisão muito elitista. Primeiro, porque uns não têm. “Ah, mas a gente vai disponibilizar lá alguns capacetes”. Quantos? Vai disponibilizar 100 capacetes? Vai controlar 100 capacetes? Aí um cara, que inclusive é meu amigo, vira e fala: “mas tem pista de skate em toda periferia. Por que o cara não vai andar lá perto da casa dele?”. (...) Isto é segregação! Então o cara que nasce no Jardim Ângela só pode conviver com os que nasceram no Jardim Ângela? Ele não

pode andar ao lado da MTV? Ele não pode andar na Avenida que é continuação da Avenida Paulista? Ele não pode andar onde um ônibus lotado pára e tem um monte de gatinha olhando? Ele só pode andar lá onde pára a lotação, e tem que correr, pois vão descer os ladrões? O cara não pode? Ele nasceu numa sociedade de castas? Nasceu pobre, viva pobre, seja pobre o tempo inteiro... (Grifos meus).

Indignado, o mesmo interlocutor ainda trata com ironia aqueles que tentam coibir o uso de certos espaços por parte de outros praticantes. Ele então cita o seguinte exemplo:

A sociedade é carniceira. Se eu estou de terno e gravata, eu não quero ver estes porras desses moleques com esses “carrinhos” perigosos porque, afinal de contas, eu estou amarrado até o pescoço, e estes merdas sentindo o vento na cara. Agora se eu sou skatista, estou aqui na pista, vou fechar com grade, só entra quem eu quero, só os caras que são meus amigos, cresceram comigo, e que andam no meu bairro.

Observa-se assim que, entre os próprios skatistas, são construídos vários discursos, seguidos por muitas práticas que podem, de acordo com certas situações, se configurarem ambíguas²³. O caso ocorrido na pista do Sumaré revela não só as mediações políticas que possibilitaram a sua construção, como também alguns conflitos de interesses no universo do skate, principalmente quando estão envolvidos praticantes de modalidades, gerações e condições sociais divergentes em busca de demandas coletivas.

Pistoleiros e streeteiros

Os skatistas da modalidade *street skate*, sempre que podem, procuram praticar em pistas. Afinal, é nelas que se encontram, entre outras coisas, tipos de obstáculos parecidos com aqueles disponíveis em competições²⁴. No entanto, durante a realização do trabalho de campo foi possível averiguar que os *streeteiros* nem sempre atribuíam demasiada importância a prática do skate feita em pistas, ou seja, em um espaço delimitado do ponto de vista institucional. Sendo assim, a visão construída por alguns agentes do poder público de que a prática deve ser realizada preferencialmente em espaços “próprios”, não é absolutamente compartilhada pelos skatistas.

A partir das falas e das práticas dos skatistas percebe-se que as ruas são evocadas a todo instante:

A rua é praticamente a minha segunda casa. Mesmo se for para uma pista, o cara que anda de skate mesmo, vai *mandar manobra* na rua (...). *Eu acho que a rua é a segunda casa de todo skatista*, ou pelo menos da maioria (Alexandre “Nicolau”, entrevista em 26/03/2010, grifos meus).

Nesse sentido, saber andar de skate não só em pistas, como também nas ruas, é algo que possibilita reconhecimento, uma vez que o praticante torna-se bem visto perante os demais. Durante o trabalho de campo muitos skatistas me disseram que Kelvin Hoefler, campeão do Circuito Sampa Skate 2009²⁵ na categoria “amador I”²⁶, é um típico “campeoneiro”²⁷, tendo a sua imagem associada, sobretudo, a prática em pistas. Para tentar deixar de lado esse estereótipo, este skatista estaria se dedicando também ao skate nas ruas, como se comprova por meio de uma entrevista a uma revista especializada, onde todas as fotos de manobras foram feitas em vários equipamentos urbanos. Kelvin então salientou que: “meu skate evoluiu bastante e descobri o prazer de andar na rua. *A rua fez o meu skate amadurecer* e facilitou minha vida nos campeonatos” (Revista CemporcentoSkate, 2010, ed. 145, grifos meus).

Por andarem exclusivamente em um único local restrito e com poucos obstáculos, os skatistas que ficam confinados às pistas de skate são tratados jocosamente como *pistoleiros*:

A rua te dá base para você virar um *streeteiro pesado*. *Streeteiro pesado* é assim: um cara de nível, um skatista completo para a rua. A pista te dá uma *base*. Só que aí você vai virar *pistoleiro*. Cara que curte andar mais em transição (“Gui” Martins, entrevista em 24/03/2010).

Para o skatista e empresário Fábio Brandão, a pista de skate possui sua importância. Entretanto, desprezíveis são os que vão até lá com intuito de mandar “manobras bitoladas”:

O skate na pista é bonito para caramba. Hoje em dia você vê os caras andando em pista, é muito louco. Os caras andam muito. É muito *style*. Os caras agressivos mesmo, que andam em transição. Pista que eu digo é transição. Não um moleque que vai à pista e fica mandando “manobra bitolada”. Os caras de pista mesmo estão andando muito (Fábio Brandão, entrevista em 13/04/2010).

Por outro lado, Raphael “Pezão” acrescenta que “a maioria dos caras que colam em pista não erram [as manobras]. Não querem errar. Querem treinar para sempre”. Muitas vezes a figura do *pistoleiro* associa-se à do skatista “campeoneiro”, isto é, aquele que se centra no treinamento exaustivo de manobras para competições²⁸ em espaços que apenas simulam os

obstáculos encontrados nas ruas e nem sempre se diverte com a prática do skate ²⁹. Sendo assim, o que mais importa para esse tipo de praticante é o aperfeiçoamento por meio da repetição, a fim de incorporar a técnica e habilidade necessárias para o exercício da prática esportiva, tendo em vista a busca de resultados práticos.

Raphael “Pezão” é crítico ao dizer que muitos skatistas que andam somente em pistas se tornam acomodados. Nas ruas, os *streeteiros* encaram diferentes tipos de obstáculos, muitos deles improvisados, que surgem no decorrer da prática. Os *pistoleiros*, ao contrário, em vez de buscarem novos espaços, contentam-se com aquilo que já está pronto:

Pistoleiro é uma galera preguiçosa. Mas por que rola preguiça? Você vai à pista, estão todos os obstáculos lá. Você prende sua evolução. Você evolui, mas, só evolui ali. Se os obstáculos mudam, a sua evolução quebra (Raphael “Pezão”, entrevista em 29/03/2010).

Consoante a isto, a prática neste espaço restrito se constitui, até certo ponto, sem tantas inovações:

Andar de skate na pista é tipo aquela idéia: é andar de skate num lugar que foi feito para você andar mesmo, e você vai, põe o skate no pé, e você fica andando. É lugar para você andar de skate. Já na rua você descobre as coisas (Rodrigo “Bocão”, entrevista em 17/03/2010).

A evolução a que Raphael “Pezão” se refere não é só em termos técnicos. Ela também pode ser entendida como uma ampliação da sociabilidade tecida pelos skatistas na metrópole. As falas desse e de outros skatistas abordados na pesquisa supõe que os relacionamentos dos *pistoleiros* concentram-se, sobretudo, na própria pista de skate onde se costuma andar. Os *streeteiros*, por sua vez, não possuem tanta fixidez para a prática do skate, visto que ela pode ser feita em muitos espaços. Com efeito, suas redes de relações se expandem à proporção que novas *sessões* nas ruas são feitas, as quais propiciam o estabelecimento de novos contatos.

Rodrigo “Bocão” pondera que o fato de um skatista andar em uma pista se dá por questões práticas, como a proximidade da residência. Além do mais, um *pistoleiro* pode surpreender um *streeteiro* com seu nível técnico em uma eventual *sessão* na rua:

Hoje em dia muitas pessoas falam: “ah, o *pistoleiro*”. Mas essas pessoas têm uma *base* de skate. Eles estão ali porque a pista está perto de casa. Eu ando no “Vale” [do Anhangabaú] e os caras falam: “você não anda em pista, só anda na rua!”. Mas é o lugar que eu tenho para andar. Tem gente que gosta de andar na pista porque é o lugar que está ali todo dia, como eu estou todo dia andando no “Vale”, trocando idéia. Mas às vezes, o pessoal fala: “ah, esses *pistoleiros* só fica andando nas pistas”. Mas às vezes esse pessoal vai andar na rua e acaba com esse pessoal que critica eles, porque aí vê uma foto: “pô, maluco fez uma foto em tal corrimão na rua! (...) Maluco pulou tal *gap*!”. Andar na pista também dá uma *base* no skate, e muita gente consegue levar esse skate para a rua também (Rodrigo “Bocão”, entrevista em 17/03/2010, grifo meu).

Portanto, tais discursos atestam que não se deve deixar de andar de skate em pistas. Andar nelas é importante para os skatistas da modalidade *street skate*. Porém, o que se critica são aqueles que se prendem unicamente a elas ³⁰, sem circular por outras pistas ou equipamentos urbanos da cidade e, conseqüentemente, sem estabelecer novas relações.

O skatista Jorge Costa, assim como muitos outros, anda de skate tanto nas pistas quanto nas ruas. Com base em sua experiência, ele aponta algumas diferenças entre esses dois tipos de espaços:

Andar em pista também é uma coisa difícil. Para você conseguir chegar a um estágio de começar andar bem, distribuir as manobras nos obstáculos sem por a mão no skate, é uma coisa bem difícil. Quem anda de skate na rua vai sempre andar de skate em um obstáculo por vez. Geralmente ele é um cara meio lento na pista, enquanto na rua ele é o “cara” (Jorge Costa, entrevista em 19/03/2010).

Cada espaço para a prática do skate permite ao skatista desenvolver tipos de habilidades específicas, as quais são expressas por meio de suas técnicas nas manobras realizadas. Desse modo, Jorge Costa ressalta que para um skatista se tornar “completo”, ele tem de saber andar em vários tipos de “terrenos”:

O skate é muito complexo. Se você consegue se desenvolver bem em um terreno, vai ter muita dificuldade para fazer as suas coisas em outro terreno. Você precisa doar seu tempo de forma conjunta. Para você conseguir andar bem nos dois terrenos você precisa sempre estar se dedicando, no *street* e em pista. É muito difícil (Jorge Costa, entrevista em 19/03/2010).

Douglas Prieto, colunista de uma revista especializada, em um texto intitulado “Diferentes terrenos, diferentes skatistas”, resume as técnicas e as habilidades incorporadas pelos skatistas conforme o “terreno” onde se pratica:

Nas pistas encontradas na América do Norte, especialmente nos EUA e Canadá, abundam curvas e transições. Esse tipo de pista forma um skatista mais "basudo", mais "todo terreno", mais fluido. Os skatistas se criam nessas pistas e ainda têm a oportunidade de desenvolver a técnica do *street* "real" graças à grande quantidade de bons *picos* de rua (apesar da repressão encontrada por lá, mas isso é outra história). Resultado: unindo o melhor dos dois mundos, está formado *um skatista mais completo*, porém não tão especialista num ou no outro terreno. Por outro lado, qualquer moleque brasileiro bem treinado sabe montar uma boa *linha* de 1 minuto numa área de competição, e executá-la precisamente. Por isso que os campeonatos amadores daqui pegam fogo, e surgem tantos vencedores de campeonatos. O que é interessante ressaltar é que as pistas brasileiras construídas recentemente passaram a incorporar mais curvas e transições. O novo projeto do Paço Municipal de São Bernardo, alguns dos CEUs e o *banks* de madeira da Plasma são exemplos reais dessa tendência. Será interessante observar como os moleques que estão iniciando agora farão uso desse novo cenário. Creio que seja uma questão de formação do skatista, "berços" diferentes, que geram duas escolas diferentes: uma dos que sabem fazer um *carving* antes de acertar um *flip*, outra dos que aprendem um *flip crooked* antes de aprender a *dropar* num transição (Disponível em: <http://cemporcentoskate.uol.com.br/blogLer.php?categoria=9>. Acesso em 25 de janeiro de 2011, grifos meus).

Tal skatista "completo", "basudo" ou "todo terreno" é chamado de *overall*. Um *skatista overall* é aquele que pratica várias modalidades e sabe andar em vários tipos de obstáculos. A Revista Tribo Skate, em uma matéria especial sobre o tema, enaltece a importância deste tipo de skatista:

Diferentes terrenos, diferentes modalidades, diferentes carrinhos... O skate não se limita a uma determinada técnica ou especialização. A tábua com dois eixos e quatro rodinhas oferece "n" possibilidades. Ruas, madeira, asfalto, concreto, *bordas*, *curbs*, obstáculos, buracos, transições (...), tudo pode servir para ser explorado para seu prazer e diversão. Alguns skatistas sabem explorar as várias faces do skateboard (Revista Tribo Skate, edição 78, 2002, p.38).

No universo da modalidade *street skate*, o *skatista overall* seria uma espécie de síntese entre o *pistoleiro* e o *streeteiro*. Além de tudo o que foi apresentado, o interlocutor Caio Youssef pontua que, nessa modalidade, é essencial dominar as técnicas de uma pista de skate, embora seja ainda mais importante andar nas ruas, pois lá se vivencia aquilo que pode ser considerado, a partir de seu ponto de vista, a "essência" do skate:

Cada um faz o que gosta. Só que o cara [que anda somente em pista] esquece a essência do skate. O skate não surgiu numa pista. O cara não foi lá e fez uma pista. O skate surgiu do nada e quando a sociedade foi ver havia milhares de moleques na Califórnia, descendo ladeiras de skate, se matando, "causando" pela cidade. O skate surgiu assim. Não que o pessoal tem que "causar", sair zoando. O skate surgiu na rua. Para mim é assim: *tem que andar um pouco na rua, a essência do skate é lá, se você quiser manter o que do jeito que ele é, tem que andar lá*. Pista ajuda, dá base, você se diverte, mas tem que andar na rua (Caio Youssef, entrevista em 15/04/2010, grifos meus).

O olhar skatista para as ruas

No contato com o universo do *street skate* paulistano, fica evidente que a prática do skate nas ruas está no centro das atenções dos skatistas. Com efeito, as experiências vividas nelas são bem diferentes – e também, mais valorizadas – que aquelas vivenciadas nas pistas. É nas ruas, como dizem os próprios praticantes, que se experimenta o “verdadeiro” skate. Até aqui muito se falou das importâncias das “ruas” para os skatistas. Mas o que, de fato, interessam-lhes nas mesmas? ³¹

Para a maioria dos paulistanos, o termo “pico” pode fazer referência a uma situação intensa e conturbada (por exemplo, o horário de “pico” no trânsito). Já para os skatistas, *pico* é um termo nativo que evoca espaços compostos por equipamentos urbanos, que se tornam obstáculos nos quais são realizadas as manobras. Também definido pelos skatistas como *lugares skatáveis*, para que um equipamento seja considerado um *pico*, ele deve estar associado a uma série de características que permita a prática do skate.

As características ideais atribuídas a um *pico* são basicamente três, abaixo citadas:

Chão da ida: é o espaço a partir do qual o skatista toma impulso para ir em direção ao obstáculo. O melhor tipo de chão é o de superfície lisa, a qual não permite tanto atrito com as rodas. Nela o skate se locomove com maior facilidade, possibilitando a realização de manobras no obstáculo a ser utilizado.

Obstáculos: são os equipamentos urbanos onde os skatistas executam as manobras. Os obstáculos são das mais variadas formas. Alguns deles são nomeados pelos skatistas de uma maneira diferente daquela originalmente atribuída por quem os construiu. Desse modo, uma parede pode ser vista como um *wallride*; um pedaço de ferro torto fixado no chão como um *pole jam*; um barranco como um *gap*, e assim por diante.

Além disso, o olhar dos skatistas para os equipamentos urbanos é tão preciso que eles se atentam aos tamanhos e aos tipos de materiais que são feitos. Um exemplo são as escadarias

em que há particularidades. Algumas contam somente com os degraus; mas também há a *double set* (duas seções de degraus) e a *triple set* (três seções de degraus). O corrimão de uma escada pode ser quadrado ou redondo, com tranco ou sem tranco, inclinado ou “suave”. As bordas de um banco podem ser de concreto, de mármore, de madeira, de ferro ou outros materiais. Portanto, antes de andar em um obstáculo, os skatistas examinam todas as suas características e, com base nelas, realizam algum tipo de manobra, com maior ou menor técnica, com riscos de tombos ou com maior domínio sobre o skate.

Chão da volta: assim como o chão da ida, é o espaço em que o skatista permanece após mandar a manobra no obstáculo. Quanto mais amplo e liso, melhor será, pois a manobra poderá ser completada com mais eficiência.

Um *pico* perfeito para os skatistas é aquele que conta com o chão da ida e da volta com um considerável espaço de superfície plana e lisa, propícia para pegar impulso, e também, com um obstáculo feito de materiais que possibilitem boas condições de se mandar uma manobra, como, por exemplo, um banco de mármore ou um corrimão sem travas.

Achar um *lugar skatável* nesses moldes é o objetivo de qualquer *streeteiro*. Contudo, encontrar o *pico* perfeito não é tão fácil como se imagina. Desse modo, diante da busca incessante por espaços que permitam a prática do *street skate*, é preciso saber “ler” a cidade de uma forma diferenciada da usual:

[A prática do *street skate*] é tipo começar a ler um livro, onde você vai descobrindo, vai entrando cada vez mais nele e trocando idéia com a rua, vendo que tem muita coisa que você pode fazer. Na rua tem bastante opção para você ir cada vez mais procurando outros lugares (Rodrigo “Bocão”, entrevista em 17/03/2010, grifos meus).

Tornar-se *streeteiro* implica em tornar-se “leitor” de *picos* ³². A possibilidade dessa “leitura” feita na cidade é algo que instiga e incentiva esses cidadãos a irem cada vez mais para as ruas, em busca da descoberta de espaços antes nunca usados para a prática do skate. Porém, para que a mesma seja feita, é preciso construir aquilo que alguns chamam de *olhar skatista*:

Eu pego ônibus ou até mesmo metrô, e vou vendo aquele *pico* que talvez dê para andar, se arrumaram a calçada e se agora dá para andar. Deço com minha namorada de carro e ela racha o bico: “meu, eu fico vendo as coisas bonitas e você fica vendo se dá para andar de skate!”. Olho de skatista é para olhar a arquitetura da cidade, para ver se dá para rolar skate (Alexandre “Nicolau”, entrevista em 26/03/2010).

Eu ando muito de carro. Eu moro na Zona Sul, faço faculdade na Zona Leste. Então tenho que ir até a Radial Leste. Eu passo por muitos lugares. *E uma vez skatista, sempre skatista! [Você] nunca mais enxerga a cidade como qualquer outra pessoa.* Mesmo que você nem ande mais de skate, você vai ficar olhando para os *picos*, para a rua, procurando alguma rampa para falar: “ali dá para mandar tal manobra!”. Isso é um “bagulho” que é verdade. Tinha até um anúncio da DC Shoes das antigas que falava isto: “uma vez skatista, sempre skatista”. *Você nunca mais enxerga a rua normal!* (Caio Youssef, entrevista em 15/04/2010, grifos meus).

A cada ano [de prática] que passa, o skatista adquire mais a visão. E tem vez que isto é até meio chato. Porque você não consegue andar na rua tranqüilamente, pois todo *pico* que você vê, você já comenta. E às vezes, quem está ao seu lado, não entende porra nenhuma do que você está falando (Victor Ferrari, entrevista em 16/04/2010, grifo meu).

Você sai passeando com sua namorada, de mão dada com a mina, segurando a mão dela e olhando para os lugares. E no outro dia você encontra [os outros skatistas] para a *sessão* e: “vi um *pico* ali, estava indo no cinema com minha mina, e vi um *pico* da hora que dá para andar. Vai lá e tenta ver”. Skatista consegue analisar até pedra portuguesa, quando a pedra portuguesa é muito irregular ou quando ela é mais retinha e dá para o skate andar. (Tiago Garcia, entrevista em 13/04/2010, grifos meus).

Outra coisa engraçada também, mas também é normal: você sabe o asfalto da cidade, os caminhos que você sempre passa, você já sabe: aquela faixa, aquela rua. Inconscientemente você já sabe o caminho para o skate andar. Você nem pára para pensar, mas já sabe (Fábio Brandão, entrevista em 13/04/2010).

A partir desse olhar, certos skatistas disseram ter tentado até catalogar alguns *picos* encontrados durante os seus respectivos trajetos pela cidade, o que facilitaria a seleção dos melhores lugares para fazer uma eventual *sessão* de skate:

Às vezes eu via um *pico* maior legal. Então eu descia do ônibus para ver o *pico*, anotava o nome da rua e o número aproximado de onde fica, e depois voltava lá para andar de skate e filmar. Eu faço isto até hoje, e até passo para os outros. De ver o *pico*, de escrever: “*bordas* de três degraus e dá para fazer este tipo de manobra para quem é esquerdo ou direito” (Jorge Costa, entrevista em 19/03/2010).

De certa forma, a possibilidade do encontro inesperado e da conquista de um *pico* é um dos grandes atrativos da prática do skate nas ruas, o que constitui um diferencial em relação às pistas, já que nelas os aspectos apresentados não constituem algo a ser superado. Nos *picos*, por mais que um skatista realize uma mesma manobra, o cenário com o qual ele interage será diferente. Portanto, as sensações experimentadas nas ruas são diversas:

Se você andar sempre no mesmo lugar, você entra numa monotonia. No *street*, por mais que você ache um *pico* novo e mande uma mesma manobra, é outra coisa. Por exemplo: eu achei uma *borda x*, fui lá e mandei um *tailslide*. Daí eu achei outra *borda*, com umas características diferentes, e mandei um *tailslide* também. É a mesma manobra, mas já é algo diferente. Você sempre busca uma coisa nova. Por isso que tem tanto cara querendo andar lá fora [do país]. São muitos *picos* diferentes. Os caras mandam as mesmas manobras que mandam aqui. Mas o *pico* é que faz a diferença. É onde você está andando (Raphael “Pezão”, entrevista em 29/03/2010).

Outro elemento lúdico da prática do *street skate* é justamente a procura por *picos*. Logo, sempre que possível, é importante circular por vários desses espaços. Entretanto, a procura por *lugares skatáveis* não se dá somente ao acaso. Ciente de suas habilidades em cima do “carrinho”, os skatistas vão ao encontro daqueles obstáculos com os quais mais se identificam:

Têm quatro, cinco, dentro do carro, e aí cada um vai olhando. A gente olha se o *pico* é legal para andar de skate, se o chão é bom, se é *skatável*. Se é uma *borda*, um *gap*, uma escada. Por exemplo, se é uma escada e dá para andar mesmo. Ou se é só uma escada que não leva a nada, que não tem saída, não tem entrada, não tem de onde você vir. E também, se pode andar de skate (...). A gente olha o *pico*, dependendo da galera que a gente anda. A maioria dos moleques que a gente anda gosta mais de andar em *borda*, em escadas mais baixas. (Raphael “Pezão”, entrevista em 29/03/2010).

É possível encontrar *picos* em qualquer região de São Paulo. Nessa busca, a circulação de skatistas pela cidade progride conforme novas *sessões* são feitas³³. Elas possibilitam também o alargamento da sociabilidade tecida entre os que se encontram durante a prática. Assim, a busca por espaços também torna dinâmicos os relacionamentos entre os skatistas.

Considerações finais

Ao circular pela cidade, seja a pé, de carro, de transporte público e principalmente de skate, o skatista observa tudo ao seu redor, mas sob sua própria ótica, a procura de *lugares skatáveis* - ou seja, dos *picos* - como muitos deles dizem, que são os equipamentos urbanos que propiciam a prática do skate. Sendo assim, conforme Magnani:

Não se pode ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade (“Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 20 de junho de 2010).

Isaac Joseph (2005: 119) considera que os espaços públicos - locais onde muitas vezes os skatistas se encontram - podem ser entendidos como a unidade desconcertante de um espaço físico de locomoção e de um espaço abstrato de comunicação. Levando em conta as idéias desse autor, os skatistas praticantes da modalidade *street skate* podem ser associados à figura do *citadino* (Joseph, 2005), isto é, a um sujeito de mobilidade que faz do espaço público uma espécie de “jornal”, por onde circula, observa e, conseqüentemente, faz a sua leitura³⁴. O citadino é ao mesmo tempo um ator e um observador, alguém que se desloca por entre os espaços e, para isso, “precisa de um ‘guia’ que lhe permita orientar-se na justaposição das ordens rituais das quais necessita quotidianamente explorar a possibilidade de acesso” (Joseph, 2005: 120).

Nos “rolês” feitos entre as pistas e as ruas, os skatistas acessam distintos espaços tendo em mente a possibilidade de realizar manobras, tecer formas de sociabilidade, e estabelecer relações de *proximidade* e *distância* (Simmel, 1983 [1908]) que, de acordo com as situações, podem resultar em mediações ou conflitos com outros cidadãos. Sendo assim, compartilho a idéia de Joseph de que pensar a cidade:

(...) não é insistir em apropriar-se ou em querer pertencer a um bairro, mas estudar os recursos urbanísticos, os equipamentos e serviços que permitem ao citadino superar o estranhamento de um território pouco familiar e orientar-se em um “universo de estranho” (Joseph, 2005: 80).

De uma maneira ampla, têm sido recorrentes as tentativas de consolidação de políticas públicas que, de uma forma ou de outra, visam disciplinar certas práticas e restringir a sociabilidade tecida em torno das mesmas a espaços definidos de antemão, os quais são considerados, a partir da ótica de uma ótica institucional, como apropriados para tais fins.

As lógicas atribuídas à prática do *street skate* por parte dos skatistas possuem certos distanciamentos em relação àquelas atribuídas por determinados representantes do poder público. Enquanto os últimos priorizaram, ao longo do tempo, a construção de pistas e a promoção de eventos em bairros periféricos, para os primeiros, ao contrário, muitas das experiências socialmente valorizadas e compartilhadas decorrem em equipamentos urbanos, situados em regiões mais centrais da cidade³⁵. Entretanto, apesar das distâncias, essas lógicas também possuem continuidades. Os skatistas – ou para ser mais específico, os *streeteiros* -, aproveitam-se das pistas e *picos* situados próximos de suas residências, embora também não deixem de buscar a prática em locais bem mais longínquos, mesmo que isto implique em horas dentro de um transporte público em meio ao conturbado trânsito de São Paulo.

Por fim, com base no caráter relacional e situacional do universo pesquisado, tentou-se abordar neste artigo o espaço urbano, o qual é “definido pelas vivências associadas à vida cidadina” (Meneguello, 2009: 128), dentro de um campo de mobilidade, de circulação e de acessibilidade (Joseph, 2005: 117), o que implica em relativizá-lo como algo fixo e com práticas determinadas.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BASTOS, Billy Graeff. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”*. Dissertação de mestrado em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, 2006.

BRANDÃO, Leonardo. “Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil”. *Recorde: Revista de História de Esporte*. V.1, n° 2, dezembro de 2008.

_____. “História e esporte: leituras do corpo no filme Dogtown and Z-Boys”. *Revista História em Reflexão*. Dourados, UFGD, vol.03, n° 5, jan./jun. 2009.

FREHSE, Fraya; LEITE, Rogério Proença. “Espaço urbano no Brasil”. In: MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza (coord. de área); MARTINS, Carlos Benedito (coord. geral). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia*. São Paulo, ANPOCS, 2010, p. 203-252.

FRÚGOLI JR, Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia.” *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n° 1, 2005, p. 133-165.

JOSEPH, Isaac. “Paisagens urbanas, coisas públicas”. *Cadernos CRH*. Salvador, n° 30/31, 1999, p. 11-40. Tradução de Regina Martins da Matta.

_____. “A respeito do bom uso da Escola de Chicago”. In: VALLADARES, Lícia do Prado (org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. UFMG/IUPERJ, 2005 [1998], p. 93-128.

LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas, Autores Associados, 2009.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011.

MAGNANI, José Guilherme C. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

MENEGUELLO, Cristina. “Espaços e vazios urbanos”. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra, Almedina, 2009, p.127-138.

OLIC, Mauricio Bacic. *Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC-SP, 2010.

SIERRA, Vânia Morales. “Crise das representações e o déficit da urbanidade”. *Achegas – Revista de Ciências Políticas*. N° 24. Julho/Agosto 2005. Disponível em http://www.achegas.net/numero/vinteequatro/vania_sierra_24.htm. Acesso em 01 de junho de 2010.

SILVANO, Filomena. *Antropologia do espaço*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.

SIMMEL, Georg. “O estrangeiro”. In: MORAES, Evaristo (org.). *Sociologia: Simmel*, São Paulo, Ática, 1983 [1908].

Materiais de imprensa

ET, Marcos. “Sk8 Overall: qual é a sua?”. *Revista Tribo Skate*, n° 78, 2002.

GUIA DE PISTAS. *Revista CemporcentoSkate*. São Paulo, edição especial, 2006.

PABST, Maíra. “‘Eu nunca treinei um dia sequer’, Bob Burnquist”. *Site ESPN Brasil*. Disponível em: http://espnbrasil.terra.com.br/skate/noticia/129391_EXCLUSIVO+EU+NUNCA+TREINEI+UM+DIA+SEQUER+BOB+BURNQUIST. Acesso em 29 de janeiro de 2011.

PRIETO, Douglas. “Diferentes terrenos, diferentes skatistas”. *Portal CemporcentoSkate*. Disponível em: <http://cemporcentoskate.uol.com.br/blogLer.php?categoria=9>. Acesso em 25 de janeiro de 2011.

REVISTA CEMPORCENTOSKATE. “Kelvin Hoefler: pronto para decolar”. São Paulo, edição 14, ano 15, 2010.

_____. “O skate cresce no Brasil”. São Paulo, edição 15, ano 15, 2010.

SARLI, Carlos. “Pista livre”. *Folha Online*, São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u102808.shtml>. Acesso em 30 de maio de 2011.

Notas

¹ Este artigo contém alguns resultados da dissertação “De ‘carrinho’ pela cidade: a prática do *street skate* em São Paulo” (Machado, 2011), orientada pelo Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr., e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP) no ano de 2011. A pesquisa contou com o financiamento do CNPq em seus primeiros meses de execução, e posteriormente da FAPESP.

² Termos como “adrenalina”, “radicalidade”, “liberdade”, entre outros, são constantemente usados pela mídia – principalmente a não especializada – para se referir a certas práticas esportivas “radicais”, como o skate.

³ A noção de “risco” no skate é algo passível de relativização. Para uma análise mais aprofundada sobre a profusão de significados do “risco” em relação às práticas esportivas “radicais”, vide Le Breton (2009).

⁴ O X Games é um evento anual promovido pelo canal de televisão ESPN. Mais informações: <http://espn.estadao.com.br/xgames>.

⁵ O Maloof Money Cup, realizado nos Estados Unidos, é o evento responsável por distribuir a maior premiação em dinheiro já vista na história do skate. Mais informações: <http://www.maloofskateboarding.com>.

⁶ Entre as várias modalidades que fazem parte da prática do skate, destaco as mais importantes: *street skate* (skate nas ruas); vertical (praticada em um *half pipe*, rampa em formato da letra “U”) e *downhill* (descida de ladeiras).

⁷ Devido às várias modalidades que fazem parte do universo do skate, todo *streeteiro* é skatista, mas nem todo skatista é *streeteiro*. Ele pode ser *verticaleiro*, *freestyler*, *longboarder*, etc. Nesta artigo, a partir de então, quando me referir aos skatistas, faço referência aos *streeteiros*.

⁸ O vereador Adolfo Quintas (PSDB) formulou o projeto de lei nº 116/2009, de 05 de março de 2009, que objetivava proibir a utilização de skates nas calçadas do município de São Paulo. A elaboração desse projeto de lei foi motivo de polêmica, levando o vereador a recuar com seus objetivos. Para mais informações sobre a tentativa de proibição do skate nas ruas de São Paulo, vide Machado (2011).

⁹ Sobre a dimensão da “diversão” e do “trabalho” relacionada à prática do skate, vide Bastos (2006) e Machado (2011).

¹⁰ *Pico* é um termo nativo que será explicado no decorrer do artigo.

¹¹ Para informações detalhadas sobre as produções que enfocaram a questão do “espaço” na Antropologia, vide Silvano (2010).

¹² Para uma abordagem mais detida sobre a questão do espaço urbano, vide Frehse & Leite (2010). Esses autores fizeram um levantamento bibliográfico das principais discussões referentes à temática “espaço urbano no Brasil”, apresentando diversas concepções sobre o assunto, que são mobilizadas, em termos teórico-metodológicos, de diferentes modos.

¹³ Expressão usada com base nos discursos dos próprios interlocutores.

¹⁴ São Paulo é a cidade que possui mais praticantes do skate no país. A popularidade é tamanha que, segundo uma pesquisa feita pela prefeitura, o skate figura como o segundo esporte mais praticado em escolas municipais, perdendo somente para o futebol (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u102808.shtml>. Acesso em 30 de maio de 2011). Além do mais, devido à propagação de sua prática ao longo dos anos, o então vereador Alberto “Turco Loco” (PSDB) instituiu, em 3 de agosto de 1995, o Dia Municipal do Skate, comemoração que passou a ser a nível estadual a partir de 2003.

¹⁵ Os resultados de uma pesquisa publicada pelo Datafolha em 2010 contabilizam mais de 3.860.000 (três milhões e oitocentos e sessenta mil) pessoas praticantes do skate no Brasil. Esse dado aponta para um aumento de 20% em relação à mesma pesquisa feita em 2006. Resultados mais detalhados dessa pesquisa foram publicados na Revista CemporcmentoSkate, edição 15, 2009.

¹⁶ Os próximos tópicos abordarão de forma mais detida o que foi apresentado.

¹⁷ Modalidade do skate onde o objetivo é descer ladeiras desviando-se de cones no chão.

¹⁸ Vide “A introdução dos esportes californianos no Brasil: apontamentos para o início de uma discussão” (Brandão, 2009, 18).

¹⁹ A Confederação Brasileira de Skate (CBSk) foi criada em 06 de março de 1999. Essa entidade visa regulamentar as normas e políticas voltadas ao desenvolvimento do skate no Brasil. Para mais informações, vide: <http://www.cbsk.com.br>.

²⁰ Maria Zilda Gamba Natel, ou simplesmente Zilda Natel, foi esposa do político Laudo Natel e ex-primeira dama do Estado de São Paulo. Faleceu em 10 de dezembro de 2002, na cidade de São Paulo.

²¹ Sobre o lado “marginal” do skate, ver Brandão (2008).

²² *Sessão* é o termo nativo que corresponde a prática do skate durante determinado tempo.

²³ Muitos skatistas reivindicam o uso de equipamentos urbanos que não foram planejados tendo em vista a prática do skate. Porém, no espaço “adequado” para esta prática, ou seja, a pista, muitos deles não permitem que outras práticas diferentes do skate sejam realizadas. Prova disso é que em muitas pistas, os usos de patins e bicicletas são coibidos pelos próprios skatistas. Olic (2010, 51) também observou estas produções de fronteiras a outras práticas no contexto espacial de uma pista.

²⁴ É importante salientar que as pistas da modalidade *street skate* não são padronizadas. Cada uma pode conter diferentes tipos de obstáculos.

²⁵ O Circuito Sampa Skate consiste numa série de campeonatos de skate realizados no período de um ano. Esta ação existe desde 2005, por meio de uma parceria entre o poder público e a iniciativa privada. Mais detalhes em Machado (2011).

²⁶ Na modalidade *street skate*, a categoria “amador I” antecede o profissionalismo.

²⁷ Termo usado por um skatista, para definir sua impressão sobre Kelvin Hoefler.

²⁸ Bob Burnquist, considerado pela mídia um dos melhores skatistas brasileiros de todos os tempos, em entrevista para o site do canal ESPN, afirmou com convicção que: “eu nunca treinei um dia sequer na minha vida. Eu ando de skate, estou andando de skate” (Disponível em http://espnbrasil.terra.com.br/skate/noticia/129391_EXCLUSIVO+EU+NUNCA+TREINEI+UM+DIA+SEQUE+R+BOB+BURNQUIST. Acesso em 29 de janeiro de 2011). Desse modo observa-se que até mesmo muitos skatistas profissionais tidos como referências no universo do skate, constroem discursos que não associam à prática somente ao treinamento, mas também, ao que chamam de “diversão”.

²⁹ “Diversão” é um termo constantemente acionado pelos interlocutores para definirem e distinguirem a prática do *street skate* de um simples treinamento.

³⁰ São poucos skatistas que se reconhecem como *pistoleiros*. Em certa medida, essa é uma categoria acusatória.

³¹ Destarte, as referências feitas às “ruas” neste artigo não levam tanto em conta a função tradicional de espaço destinado ao fluxo, mas sim, as apropriações e atribuições de sentidos por parte dos cidadãos pesquisados. Portanto, ressaltar que “andar de skate nas ruas” não significa dizer unicamente que os skatistas circulam no asfalto entre automóveis. Ao contrário, o sentido atribuído à prática do “skate nas ruas” se dá a partir das experiências em torno da utilização dos *picos*, termo nativo discutido ao longo deste tópico.

³² Com efeito, para Joseph (1999, 34), a etnografia de um lugar público é, necessariamente, a etnografia de um espaço de comunicação, como este encontrado no contexto urbano pesquisado. Portanto, não se pode ignorar as formas de adaptação do olhar nem a percepção do ambiente por parte dos *streetiros*.

³³ A progressão dessa circulação tem como ponto de referência o local de residência de cada skatista.

³⁴ Para considerações adicionais a respeito das idéias propostas por Joseph (2005), vide Sierra (2005, s/p).

³⁵ Vale do Anhangabaú, marquise do Parque Ibirapuera e Avenida Paulista são alguns dos principais espaços freqüentados pelos *streetiros* da cidade de São Paulo.